

POLÍTICA

HAROLDO HOLLANDA

Sarney e o poder

Analisando a votação na última quinta-feira do projeto do salário mínimo no Senado, onde o governo sofreu surpreendente derrota, o senador José Sarney afirma, do alto de sua experiência, que no regime presidencial a figura do Presidente da República é insubstituível em determinadas questões políticas. Nessas ocasiões, segundo ele, o Presidente da República tem de pegar o telefone e tentar atrair para o governo os parlamentares com que julga poder contar no Congresso. Lembra que em seu governo jamais perdeu em assuntos que eram essenciais aos seus propósitos políticos. Diz que jamais pediu, a quem quer que seja, deputado ou senador, para aprovar o mandato presidencial de cinco anos. Desafia qualquer um a vir de público contestá-lo a respeito. No seu entender, o deputado ou senador sabe, por experiência própria, o que pode ou não "ofender o governo".

Frisa que nunca deixou de receber, em audiências, o maior número possível de parlamentares. E ao se despedir fazia questão de levar cada um deles até a porta do seu gabinete, num gesto de deferência pessoal. Recorda mais uma vez que, não fosse a obstinação contrária do senador Mário Covas e do deputado Euclides Scalco, a negociação política em torno do parlamentarismo na Constituinte poderia ter prevalecido no texto constitucional.

Quem entra na roda da conversa de Sarney é o senador mineiro Ronan Tito, do PMDB. Alude a intervenção feita no Senado, quando da votação do projeto do salário mínimo, pelo senador gaúcho José Fogaça, do PMDB, de que o ministro Marcílio Marques Moreira só terá condições de fazer a inflação regredir ainda mais se os níveis de desemprego no Brasil atingirem 23%, as mesmas taxas alcançadas na Bolívia, quando se aplicou política econômica de

caráter ortodoxo idêntica. Observa Ronan que a taxa de desemprego atualmente em São Paulo é de mais ou menos 13%. "No meu modesto governo a taxa de desemprego jamais foi superior a 3%", enfatiza Sarney.

Embora reafirme sua intenção de votar a favor da antecipação da emenda do plebiscito e do parlamentarismo, o senador José Sarney acha que será muito difícil a mudança de regime de governo, se governadores de Estados politicamente importantes, como Luiz Antônio Fleury, Antônio Carlos Magalhães, Leonel Brizola e outros continuarem defendendo a permanência do presidencialismo.

O senador Ronan Tito afirma que nos dias que antecederam a votação do salário mínimo no Senado os jornais davam como certa e sem problemas a sua aprovação ali. Segundo o parlamentar mineiro, a Câmara insiste em tomar decisões e enviá-las à última hora ao Senado, como se a Casa não existisse. Conta que recentemente interpelou o presidente da Câmara, deputado Ibsen Pinheiro, se não seria conveniente, na revisão constitucional, se estudar a eliminação pura e simples do Senado. Mas logo em seguida advertiu que em todos os países democráticos do mundo o Senado existe. O ex-presidente Sarney declara que a Itália teve a suprema sabedoria política de criar a figura do senador vitalício. Recorda que o falecido Tancredo Neves, depois de viagem à Itália, como Presidente eleito, voltou maravilhado com a criação do senador vitalício, que preserva na vida pública suas figuras mais eminentes, inclusive seus ex-presidentes da República. "Não seria muito bom para a instituição termos no Senado uma figura da dimensão do ex-Presidente Geisel com o grau de informação e de experiência que ele possui?", finaliza Ronan Tito.